

A NOTRE-DAME DE PARIS

RIO DE JANEIRO. — OS PRIMEIROS ARMAZENS DO IMPERIO NA ESPECIALIDADE DE FAZENDAS E MODAS. — RIO DE JANEIRO.

PREÇO FIXO

E A' VISTA

RUA

LARGO DE

SÃO

Francisco de Paula

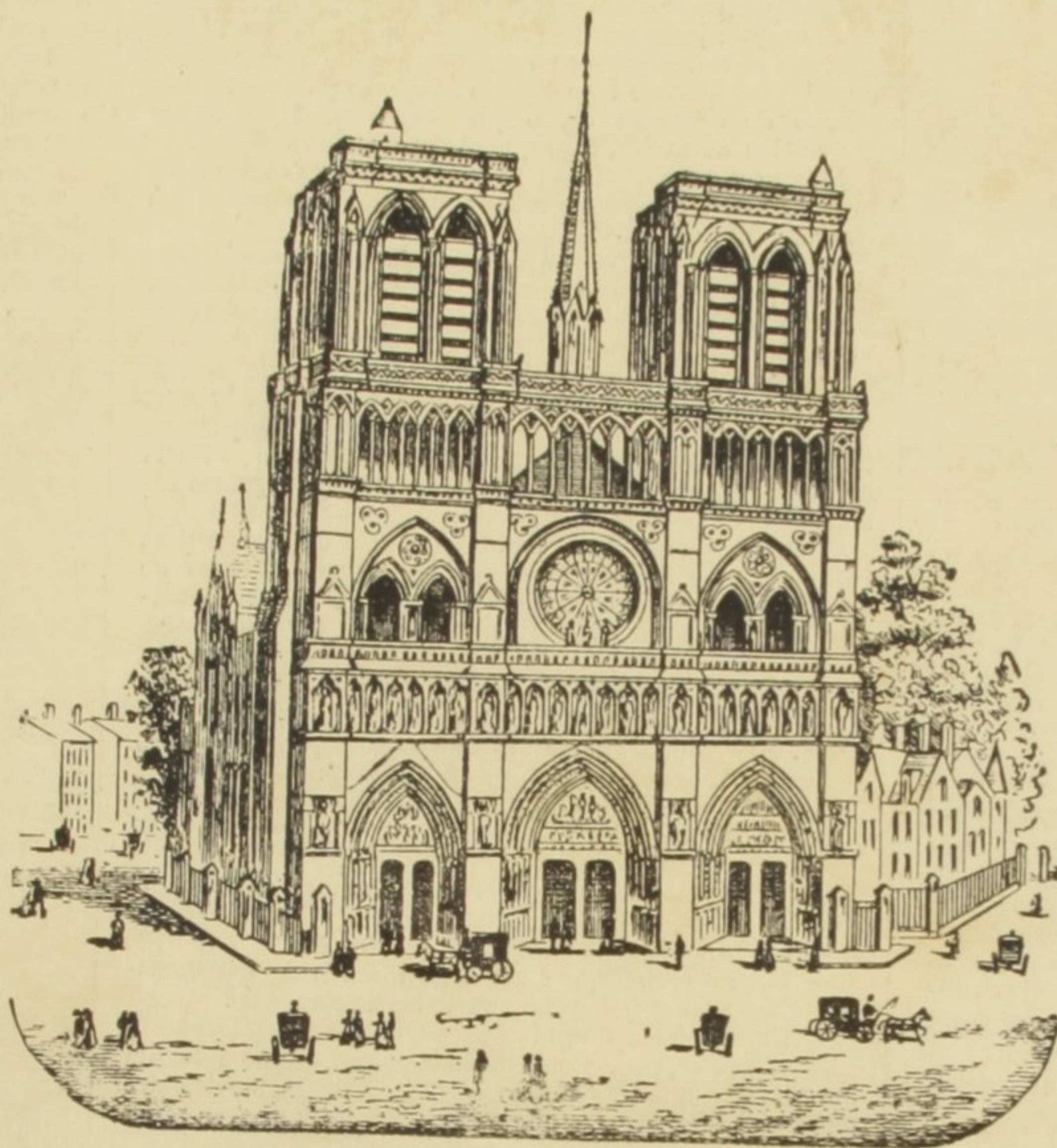
E

TRAVESSA

DO

OUVIDOR

ROSARIO



NOËL DÉCAP

O systema de vender com pequeno lucro e a maior boa fé é absoluto no estabelecimento de NOTRE-DAME DE PARIS.

A este principio; sincera e lealmente applicado, é devida uma accitação nunca desmentida até hoje. E' franca a entrada no estabelecimento.

Em cada objecto ha um rotulo, no qual se acha marcado em algarismos o *preço fixo*.

Toda e qualquer mercadoria comprada que não corresponde á garantia dada ou não agrada, é sem difficuldade trocada ou o seu importe restituído, á vontade do comprador.

Quer se deseje visitar os armazens ou fazer comp as, quer tomar informações, pedir troca de artigos ou restituição do seu importe, em todos os casos é prescripta aos empregados a maior cortezia. Devem elles apontar qualquer defeito das mercadorias e affiançar tão sómente as reconhecidamente boas.

Roga-se ás pessoas que tiverem de apresentar reclamações o favor de dirigirem-se á *Caixa*, onde serão sempre tomadas em consideração as suas queixas.

A administração remette, livres de despeza, para as provincias, ainda as mais afastadas, as amostras e preços correntes que lhe são pedidos, responde sem demora a todas as cartas, avia com toda a brevidade os artigos encommendados e manda por circular aos seus freguezes e ás pessoas que lhe communicarem o seu nome e residencia aviso das *Exposições e Vendas annuaes*.

Para as encommendas por cartas, taes como confections e costumes, quer para senhoras, quer para crianças, mandar um corpinho que assente bem.

LITTERATURA

O CADERNO VERDE

I

Edith Fremont casava-se no dia seguinte.

Acabava de se despedir do noivo, que só tornaria a vê-la para o acompanhar ao altar.

Só, na sua alcova de donzella, contempla com ar pensativo o seu vestuário de noiva, espalhado por cima das cadeiras.

A grinalda de flores de laranjeira está sobre o fogão, n'uma caixinha, tabernaculo elegante desse emblema virginal.

Machinalmente a põe na cabeça, aproxima-se de um espelho e contempla-se sem sorrir.

Moça, graciosa, enfeitada com as flores e com os seus vinte annos, mirar-se a um espelho, e não sorrir... confessemos que é raro.

Entretanto os botões de laranja deixam sobresahir admiravelmente os seus bastos cabelos pretos com reflexos azulados.

A grinalda parece feita para os cabelos, os cabelos para a grinalda.

Edith é mais distincta que bonita, na vulgar acceção desta palavra; possui bellos olhos calmos e doces, um olhar interrogador e a espaços admirado, como si a experiencia da vida, apenas esboçada, não correspondesse á sua expectativa; a bocca é graciosa e o oval do rosto perfeito. Ha tal qual morbidez na sua carnacão: lembra a moça essas plantas dos tropicos transplantadas para as estufas; dellas tem a esbelta elegancia e a graça delicada.

Cavalheiresca e senhoril, não dizemos orgulhosa, Edith tem o instinto do bello, do nobre, do grande.

O seu verdadeiro scenario seria a época, hoje apurada, dos paladinos, dos torneios e dos cintos bordados.

Posta outra vez a grinalda na caixinha, Edith começou a encher, ao correr da penna, quatro paginas com uma lettrinha fina e apertada, de educanda de convento, que, quando a gente pensa que acabou, principia de novo.

« Tudo, minha pobre Clara, dizia ella terminando; está tudo acabado; decidiu-se a minha sorte; cumpre dizer adeus ao bello, ao intrepido Leonel.

« E si soubesses como o Sr Ricardo Cellieres, meu muito vulgar marido, se parece pouco com essa nobre e querida imagem, que me enche o coração ainda hoje!

« O Marquez de Chateauxvieux tem todas as superioridades, todas as seducções, ao passo que este...

« O que dirá a irman Sancta Agostinha, superiora do Sagrado-Coração, quando souber que a admiradora dos antigos cavalleiros, que a *romanesca* Edith, como me chamava, casa com um corretor de fundos, um argentario!

« Foi por isso que não tive coragem de lh'o ir participar, bem que fosse esse o meu dever.

« Si ao menos estivessem aqui, ao pé de mim, teriamos ainda toda esta noite para fallar *delle*... e havias de me comprehender.

« Quando te permittirá a saúde de tua boa mãe voltar a Paris?

« Si estivessem presente, talvez que eu tivesse resistido; pedir-te-ia emprestado um pouço do teu valor...

« Ha momentos em que me parece que souho; mas não! o vestido, o véo, a grinalda, todos os instrumentos do supplicio aqui estão sob os meus olhos.

« Lamenta-me! volta breve! pede a Deus por mim!

« Dirige a tua resposta, não a Edith Fremont, mas a Mme Cellieres, 24, rua de Provença.»

Este grito do coração era subscriptado a Mlle Clara de Reuil, no castello de Reuil, proximo a Chateauroux.

Educações junctas no Sagrado-Coração, Edith e Clara, — e ainda será preciso dizel-o? — quando de lá sahiram, eram como irmãs gêmeas, confidentes intimas, mais profundamente ligadas pelos laços da amizade do que talvez o seriam pelos laços do sangue, si acaso fossem parentes.

Fechada a carta, Edith pôz-se a pensar; disse um longo e choroso adeus a tantos nadás risonhos, que eram a sua vida de moça; engolhou-se no passado e tentou soerguer um canto do véo que lhe encobria o futuro... Não será porventura um bocadito severa para com o marido? Que motivo seria a levaria a desdenhar de Ricardo? Quaes são os defeitos d'elle?

Nenhum talvez, salvo si, comparado com outro, não possui os predicados desse outro.

Não lhe agrada, positivamente, o noivo? Não!

Ama-o? Também não.

E' um sentimento neutro o seu, sem amargor nem sabor...

Além disso, pôde-se dizer que mal o conhece; ha apenas dous mezes que lh'o apresentaram pela primeira vez.

Destes casamentos ha muitos inscriptos nos livros do registro civil, mas não nos archivos da felicidade.

Este se concluiu por traz do leque, no canto de um salão, sem o minimo desvio da honra, é certo, mas segundo o processo, que passamos a expôr.

Orphan desde tenros annos, Edith fóra creada por seus avós, muito boas pessoas, afastados da sociedade e por extremo embarçados com os seus papeis de pais adoptivos.

Concluida a educação da neta, o maior desejo dos velhos cifrava-se em depositar em mãos mais firmes — que as suas a fortuna e o futuro da menina.

Ora, entre os rarissimos frequentadores da casa, figurava uma excellente sexagenaria, Mme Vergne, que, tendo sido feliz com o seu casamento, entendia não poder agradecer melhor ao céu sinão ajudando a augmentar o numero dos « felizes, » segundo a sua propria expressão.

Mme Vergne era uma respeitavel matrona, indulgente e boa, risonha e alegre, elegante e pechosa, quasi sem rugas, o rosto encaixilhado em grandes cachos de cabellos brancos, o olhar ainda animado de graciosa malicia, intromettendo-se com a mocidade, bisbilhotando e revelando os segredinhos da gente moça, contando a todos a sua felicidade tão rápida, que apenas durára quarenta e dous annos, — e des-

perando nos mais scepticos vontade de a experimentar tambem.

Mme Vergne era rica, o que talvez não contribuiu pouco para que se lhe derramasse na vida tão serena claridade; frequentava muito a sociedade; disputavam todos a honra e o prazer de serem recebidos em sua casa. Todos os domingos reunia em torno da sua mesa cerca de vinte pessoas, entre as quaes figuravam os seus filhos e netos.

Ao *whist* somnolento e ás criticas das linguinhas venenosas substituiam vantajosamente a dansa e a musica, as peças de dous ou tres personagens, o *jogo do amigo*, que ia muitas vezes terminar na igreja com o padre e o sacristão.

Chamavam-lhe a « Casamenteira. »

E' ocioso dizer que a obra de Mme Vergne tinha verso e reverso; nem todos os que ella ajudára a serem felizes se julgavam satisfeitos com a sua felicidade; muitos até a trocariam por um desastre.

Desesperava-se a excellente senhora quando lhe succediam destas; jurava aos seus deuses que dalli em diante deixaria os celibatarios com o seu egoismo e as vestes occupadas em ateiar o fogo sagrado; soprava para sempre ao «facho do hymeneu...», o que a não impedia de tornar acendel-o outra vez, logo que se apresentava occasião.

Esta preciosa amiga não deixou por muito tempo aos avós de Edith a responsabilidade que lhes desassocejava o espirito.

Ao numero dos rapazes que frequentavam a casa de Mme Vergne pertencia Ricardo Cellieres, um bello moço, homem do seu tempo, corretor de fundos, rico já e em vespervas de vir a ser millionario.

— Achei o noivo de Edith, pensou Mme Vergne.

Quando se tracta de associar duas côres, a azul e a branca, a verde e a escarlata, por exemplo, discute-se, compara-se, remechem-se as lojas d'alto a baixo; e notem que se tracta de um simples vestido ephemero, que durará algumas semanas apenas...

Si se tracta de associar um homem e uma mulher para toda vida, não se lhes exige mais que uns dez annos de differença na idade, e que cada um traga um sacco de escudos que tenha pouco mais ou menos o mesmo peso.

Si nos referissem isto dos selvagens mais... selvagens, não nos deixariam boquiabertos?

E, pois, no dia em que o acaso lhe deparára o Sr de Cellieres, — como lhe poderia ter deparado qualquer outro, — Mme Vergne dissera com os seus botões:

— Achei o noivo de Edith.

Dito e feito.

Agora o processo:

— Senhor Cellieres, preciso fallar-lhe, disse Mme Vergne.

— Estou ás suas ordenas, minha senhora.

— Sabe o senhor que é um bello insensivel, um monstro sem piedade, que desespera todos os corações?

— Eu, minha senhora!

— O senhor, sim. Conheço certa pessoa, — e bem bonita que ella é! — que teve a infelicidade de o distinguir de entre todos os cavalleiros, e que na sua ausencia não se cansa de o louvar.

— Na verdade, minha senhora... e quem é, pôde dizer?

Todas as suas amigas são tão bellas e tao boas, que me não parece facil descobrir...

— Isso agora não é da minha competencia. Adivinhe.

— Loura ou morena?

— Morena.

— Vestido de...?

— Vestido de seda cor de cinza.

— Pianista?

— Está a ouvi-la.

— Será Mlle Fremont, que está ao piano?

— Talvez.

— Mas neste caso é... seria...

— Não me pergunte mais nada, nada mais sei.

— E quanto tem de dote? Bem sabe, minha senhora, que na minha posição...

— Ah! de certo, de certo; o senhor é tão pobresinho!

Uma bagatella... uns trescentos mil francos.

— Sim?

Uma hora depois, por traz do mesmo leque, e no mesmo canto do salão:

— E' capaz de guardar um segredo, Edith?

— Penso que sou.

— Pois oha que, sem o saberes, inspiraste uma grande paixão.

— Eu, minha senhora!

Absolutamente o tom e as palavras empregadas pelo Sr Cellieres, salvante a voz mais doce, o seductor enleio e o pudor que se traduziu em vivo escarlata nas maçãs do rosto.

— Vês aquelle rapaz alto, alli, com um collarinho á ingleza... E' um corretor.

— Mas o que é um corretor?

— E' o que serve de intermediario nas operações da Bolsa.

Edith mordeu os pequeninos labios.

— Ah! exclamou ella com leve tom de desdem.

— Ah! vem elle calçando as luvás, continuou Mme Vergne; aposto que te vem convidar para esta walsa.

E Mme Vergne não se enganava.

Esta armadilha surte sempre bom effeito.

Reparamos fatalmente naquelles que reparam em nós; não é já um grande merito n'outrem ter sabido descobrir o nosso proprio merecimento?

Alguns dias depois, o Sr Cellieres obteve uma apresentação em casa dos avós de Edith.

Estes não deixaram de se associar aos dithyrambos de Mme Vergne: consentiram que o rapaz requestasse Edith; a menina não se oppunha, o que se toma em geral por um consentimento.

Em uma palavra: seis semanas mais tarde estava concluido o negocio.

Não é muito o que temos a dizer do Sr de Cellieres: ha-os muito peiores entre os melhores. Physicamente, eram regulares os traços da sua physionomia, bem que communs.

Espirito, não n'o possuia para vender; não o comprava

tam pouco, desdenhando dos livros e tendo pelas artes mediocre estima. Homem pratico, natureza positiva, alta e a buxa do cambio era a sua mais constante preocupação; pouco tempo gastava em suspiros, meiguices quejandas frioleiras.

Leal, punctualissimo com os vencimentos dos seus compromissos, severo guarda da sua palavra e muito disposto a fazer a felicidade de sua mulher, — como elle entendia, — isto é, não lhe recusando nenhum dos prazeres que lhe permittia a sua fortuna.

Eis do que se valera Mme Vergne para recomendar o seu protegido. Não o tendo visto nunca em lucto com as paixões intimas, ser-lhe-ia difficil pôr uma sombra ao quadro; esboçemol-o nós por ella. Meridional até a ponta dos cabellos, o Sr Cellieres é assomado, um pouco brutal, inclinado a esse zelo turbulento, que facilmente se perdôa quando parte do coração, mas intolerante quando não tem outros moveis que o amor-proprio vaidade.

Accrescentemos que, para se entregar inteiramente a seus negocios, o Sr Cellieres tinha a pretensão — bastante natural, mas raro justificada — de que casava com uma menina absolutamente candida, um coração que palpita de amor pela primeira vez.

Eis qual era a posição de Edith, quando, na vespada de seu casamento, vimol-a escrever a sua melhor amiga uma carta, que certamente não mostraria ao seu futuro marido.

A cerimonia nada deixou a desejar: a excellente Mme Vergne ia de um grupo a outro, radiante de alegria e orgulho; si não fosse a sua intenção, si não fosse a sua precavida, esses dous corações, nascidos um para o outro, ter-se-iam encontrado sem se comprehender. Ella usurpára papel da Providencia.. Restava saber si a Providencia perdoaria.

(Continua)

REVELAÇÕES PHYSIOLÓGICAS

O NARIZ SOB DIFFERENTES ASPECTOS

Deixamos hoje as generalidades para entrar no amago do problema.

Vamos estudar o nariz sob diferentes aspectos. Seguiremos um methodo neste novo genero de exploração ou nos deixaremos levar pelo acaso?

Convenho que haja certo encanto em caminhar sem saber para onde se vae.

Isso apraz sobretudo aos espiritos aventureiros, instaveis, que, desdenhando a regra e a medida, têm invencivel horror á linha recta.

Para evitarem a estrada real, cortam pelos atalhos e enveredam pelo primeiro caminho que encontram sem se preoccuparem com saber onde irão ter; e, necessidade do imprevisito, o desejo do desconhecido que os impelle.

Não creio que a observação saque grande proveito desse modo de exploração; caminhando á lei do acaso, arriscamos-nos a perder-nos em cada volta de caminho, sem que tenhamos nunca occasião de formar uma idéa justa do conjuncto.

A minha opinião é que, para julgar de uma coisa, cumpre, principalmente, abrangel-a n'um volume d'olhos; cumpre — permittam-me a expressão — *vê-la a vôo de passaro*.

Logo que formamos um juizo seguro de um objecto torna-se muito mais facil apreciar-lhe cada uma das partes.

Assim usaremos em nossas investigações physiognomicas: antes de examinarmos o orgão nas suas particularidades, começaremos sempre pelo juizo sob o ponto de vista do seu complexo e das suas linhas principaes.

Nesse primeiro exame summario, não nos preoccuparemos muito com a regra, nem nos basearemos n'um principio.

Essa primeira explanação deve sobretudo suggerir ao observador uma impressão intima, inconsciente talvez, mas profunda. É a alma que a percebe, e que é á intuição que se dirige.

Presentemente, não surge nenhuma minucia, não se destaca nenhuma linha, não se deduz nenhum principio: é um quadro que temos diante de nós, que deve despertar uma impressão, um sentimento.

O sentimento, despertado por essa investigação rápida, deve ser tão summario como a propria investigação; deve resumir-se assim: *Isto me agrada, isto me desagradá!*

Essa primeira impressão é que quasi sempre leva ao conhecimento da verdade.

E como um golpe inconsciente nos seios da alma é o abalo da fibra intuitiva que desperta o raião! é uma como scentelha que se illumina no meio de um choque; é necessario saber aproveitar e á escassa e rapida luz que projecta, mais cumo adivinhar que lê a verdade!

Inhabeis e ignorantés, deixamo-nos muitas vezes desviar por essa primeira sensação, que nós f



UM AUDITORIO SÉRIO

levar a formar falsos juizos; mas exercendo a todo o instante e a toda hora esse sentido intimo, acabamos por lhe dar uma extraordinaria rectidão.

Conseguir, por meio da pratica, regularisar a precisão intuitiva da alma, nisso se cifra todo o talento de verdadeiro physionomista.

* *

Para julgar o nariz a *vóo de passaro*, b sta abranger n'um volver d'olhos o conjuncto das suas linhas, de frente e de perfil.

Nesse curto exame devemos abster-nos de qualquer minuciosidade, a analyse virá mais tarde; o que deve prender toda a nossa attenção é o relevo.

O esboço do nariz e muito sobrio em linhas; com dous riscos de lapis têm-se um nariz; e todavia que multiplicidade de nuanças nesses dous simples traços!

Desafio-vos a que acheis dous esboços identicos entre os milhões de narizes que povoam o nosso planeta: nenhum nariz se parece com outro.

Cada nariz, pelo aspecto do seu conjuncto, deve pois despertar em nós uma impressão particular.

E facil convencer-se a gente desta verdade tomando um lapis e uma folha de papel; traça um esboço qualquer nesse papel e diverti-vos em retocar insensivelmente as linhas do nariz, quer sombreando-as com o lapis, quer modificando-as com miollo de pão; e admirar-vos-eis da multidão de typos differentes que passarão em um instante pelos vossos olhos.

E' que a menor modificação feita nas linhas do nariz muda completamente a expressão de um rosto.

Está nisso a melhor prova em favor da importancia que demos a esse orgão sob o ponto de vista physionomico.

Dissemos que *o nariz é o homem*: e, effectivamente, basta um simples nariz postiço, em tempo de carnaval, para tornar uma pessoa inteiramente desconhecida aos proprios olhos daquelles que a conhecem mais de perto.

Com um nariz postiço faz-se uma mascara! e variando a fórma desse nariz postiço, pôde-se variar ao infinito a expressão da mascara.

Basta ainda menos do que isso para mascarar um rosto: um pouco de vermelhão incarna o auctor na personagem que quer representar.

O nariz tem pois uma importancia capital sob o ponto de vista physiognomico e nunca é demasiado o cuidado que pomos em lhe estudar os caracteres.

Para nos exercermos em apanhar rapidamente e reer as differenças que distinguem um nariz d'outro, ha um divertimento que apresento como excellente studo pratico.

Estende-se na porta uma cortina que occulte completamente uma pessoa em pé.

Na altura do rosto faz-se um buraco redondo em que se põe uma mascara sem nariz, cosida na fazenda.

O divertimento consiste nisto:

Cada uma das pessoas presentes, tendo a precaução de se não deixar conhecer, vem pôr o seu nariz de modo que substitua o da mascara.

Os outros devem adivinhar de quem é o nariz que se apresenta.

Este divertimento, cheio de originalidade, exercita a sagacidade dos observadores, e recommendo-o aos amadores como uma das figuras mais divertidas para terminar o cotilhão.

* *

Voltemos, porém, ao nosso assumpto.

Para julgar o nariz sob o ponto de vista do conjuncto, o observador deve compenetrar-se bem do principio fundamental seguinte:

Ha, entre as *linhas rectas* e as *linhas curvas*, a mesma relação que entre a *força* e a *fraqueza*, o *sentido* e o *espirito*, a *tenacidade* e a *flexibilidade*.

Assim o nariz composto de linhas rectas representa a força, o bom senso, mas tambem a rijeza e a tenacidade.

Pelo contrario, o nariz em que as curvas predominam e em que não ha angulos logo nos dá idéa da flexibilidade do espirito, da doçura, mas tambem de um certo grau de fraqueza.

As linhas curvas *convexas* são mais defeituosas que as linhas curvas *concavas*.

As fórmas directas e cheias constituem o *grande*, o *sublime*: os contornos leves o *delicado* e o *gracioso*.

As fórmas obtusas, pesadas e mal esboçadas são indícios do *rudimentar* e do *grosseiro*.

Quanto mais uma linha se aproxima do circulo e sobretudo do oval, tanto mais indica tendencia para a calma, para o equilibrio e para a harmonia; ao contrario, quanto mais uma linha é recta, obliqua ou variada, tanto mais indica tendencia para a dureza, para o choque, para a instabilidade.

Quando as linhas são quebradas ou se cortam brutalemente em vez de se ligarem por inflexões suaves, indica o nariz um caracter violento, colerico, tempestuoso.

As linhas curvas pouco extensas, enfraquecidas, indicam o temperamento *flegmatico*.

As linhas cavadas, contrahidas, representam o *melancolico*, as rectas e cheias, o *sanguineo*, as convexas e aguçadas, o *bilioso*.

No seguinte artigo examinaremos o nariz com respeito ás suas dimensões; isto é, os narizes compridos e os narizes curtos.

AFFONSO BUÉ.

HYGIENE

O VINHO DE SÃO RAPHAEL

Entre os recursos de que dispõem a hygiene e a materia medica, não existe, talvez substancia alguma que seja empregada mais frequentemente do que o vinho; nem ha nenhuma de que se faça uso com mais indifferença, e com menos cuidado de sua composição, que é tão variavel, e de sua acção, que produz efeitos tão diversos.

Diz-se aos doentes e aos convalescentes: « Bebei bom vinho. » sem reflectir-se que o effecto deste meio não pôde ser identico nos diversos temperamentos, que é preciso sobre tudo quando se trata um organismo impressivel, observar rigorosamente a recommendação de Hippocrates, pois este creador da medicina disse que « o vinho é uma cousa maravilhosamente apropriada ao homem; se, tanto no estado de saude como no de molestia, for administrado á proposito, e com justa medida, segundo a constituição individual. »

O eminente chimico Liebig tambem disse: « Como meio confortativo, nenhum producto natural, ou facticio, pôde avantar-se ao vinho, quando as forças da vida estão exaustas; elle reanima e revivifica os animos nos dias de tristeza; corrige e compensa os effectos das perturbações da economia, á qual serve mesmo de preservativo contra os desarranjos passageiros causados pela natureza inorganica. »

Todavia, no emprego do vinho, como meio de recomfortar a economia, e de defender o organismo contra a debilitação, é pre iso saber escolher, e ser prudente.

Tem-se dito frequentemente, e é uma lei da therapeutica, que o tannino, que é elemento basico da quina, é um dos agentes soberanos para reconstituir o organismo, e um dos elementos mais seguros da acção tonica. Servindo de base intima a alguns agentes de nutrição, e particularmente ao vinho, o tannino não é, para bem dizer, um meio de medicação, é um meio hygienico, sendo, por isso mesmo, mais precioso, por estar demonstrado que a hygiene é antes de tudo, o reparador da saude.

O bom vinho não é, sem duvida, o mesmo para todos; mas, de certo, o melhor vinho para todos é aquelle, em cuja composição o tannino se acha em mais forte proporção; aquelle que, com o tannino, encerra uma dose relativamente elevada d'alcool; não de alcool addicionado e produzido por meios facticios, mas sim de alcool em suspensão intima, desenvolvido pela fermentação normal da uva.

E' precioso, e muito importante, poder invocar aqui a opinião do eminente professor de hygiene junto da Faculdade de Medicina, Sr. Bouchardat. (*Formulario magistral*, 19ª edição, pag 179.)

« Para o uso ordinario, diz o sabio professor, os vinhos completos de França, convenientemente misturados com agua, são sempre escolhidos, e com muita razão; mas, para os usos therapeuticos, dar-se-ha a preferencia a um vinho mais rico em tannino. Sob este ponto de vista, nenhum deve ser posto acima do São Raphael, o qual, desde uns trinta annos, é prescripto nos hospitaes de Paris. Emprega-se nas formas mais variadas da anemia, na chlorose, nas anemias da gota chronica, da alimentação insufficiente ou mal regulada, do estado de gravidez, das febres intermitentes, velhice etc., etc; mostra-se efficaz, sobretudo, para reanimar as forças abatidas pela molestia, pelas digestões laboriosas e tardias, pela vivenda nos paizes quentes. »

(Continúa.)

M. GERMOND DE LAVIGNE.

BIBLIOGRAPHIA

Com o titulo *Methodo de contar explicado com figuras* publicou a zelosa e intelligente professora da eschola publica da freguezia da Candelaria, Exma. Sra. D. Guilhermina de Azambuja Neves, mais um util e interessante trabalho destinado ao ensino da primeira idade.

Parece-nos será de grandissima vantagem a adopção nas nossas escholas e collegios deste methodo, que atarha pelas figuras a curiosidade das crianças e ao mesmo passo lhes vae innoculando no espirito as asperas regras de conta, quasi sem esforço, suave, natural e intuitivamente.

Oxalá não desanime a illustre professora, prosiga intrepida no seu alto empenho de ir transformando a pouco e pouco os velhos livros da meninice, duros e crueis, n'uns como brindes á infancia, convidativos, alegres e amigos.

A' autora, os nossos mais cordiaes agradecimentos pelo exemplar com que nos mimoseou.

HORAS DE LCIO

A pedido de muitas de nossas leitoras reabrimos nas nossas columnas esta secção destinada a exercicios de espirito e combinações.

Procuraremos não publicar seuão combinações modernas e de bom grado aceitaremos a collaboração das uossas perspicazes e intelligentes assignantes.

Para começar damos abaixo tres problemas, para o primeiro decifrador dos quaes tem os um lindo album para retratos.

N. 1.— Cryptographia por transposição

A I H N M R A T E R E P A L M I E T S A R M
E O D N A A T N C S O A B A I

N. 2.— Palavras em quadro

Producto brasileiro
Sentimento mui nobre
Sou flagello terrivel
Synonymo de cobre

N. 3.— Quadro magico

Collocai numeros nos lugares dos pontos de forma tal que somando-se os numeros quer horizontal, quer vertical, quer diagonalmente o resultado seja sempre 65

8	.	.	.	25
.
.	.	1	.	.
16	.	.	.	24

As decifrações devem ser dirigidas ao nosso collaborador NEMO, nesta redacção.

A MÃI DE FAMILIA

Recommendamos ás nossas leitoras este jornalzinho que acaba de entrar no 3º anno de sua publicação, animado por innumeradas provas de consideração, recebidas da imprensa e de seus numerosos leitores. Creado unicamente com o fim de occupar-se da *hygiene*, *criação* e *educação* da infancia, os seus conselhos, dirigidos por distinctos especialistas á testa dos quaes se acha o illustrado Dr. Carlos Costa, têm prestado serviços importantes. A sua parte secundaria: a moda especialmente de crianças, tambem tem tornado *A Mãe de Familia* util e recommendavel. Os editores proprietarios, que são os mesmos deste jornal, enviam numeros avulsos para amostra ás pessoas que não conhecem a publicação e desejarem ver antes de assignar.

CERAMICA PARA JARDIM

Visitamos a linda colleção de artigos para enfeites de jardins de Sr. Antonio Alves Meira á rua da Constituição, e abi vimos muitas peças rusticas perfeitamente acabadas, mui proprias para o fim a que se destinam e de real valor artistico. Convidamos os nossos leitores a visitarem essa exposição e estamos convencidos de que não darão dor perdido o tempo que a ella tiverem consagrado.